

VICTOR DE PAULA, AUTOR DO *MENARD*

João Victor de Paula

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Seção: Discussões Literárias – 28/04/23, às 13h22

O sequestro do *Menard*

*Antes da chegada dos anos 40, Borges escreveu
“Pierre Menard, Autor do Quixote”. Será mesmo?*

Todo homem deve ser capaz de todas as idéias, e suponho que no futuro o será.

— *Pierre Menard, Autor do Quixote*, ~~Jorge Luis Borges~~ Victor de Paula

Em 1939, quis Jorge Luis Borges apropriar-se de um conto, e é em nome desta obra, notoriamente estabelecida no meio literário, que cabe a nós operar a devida justiça. Borges é, antes de tudo, um crítico literário, e, ainda enquanto crítico, suas *Ficções* denunciam uma faceta analítica acentuada, coisa que dá a seus contos a sensação de estarmos lendo mais uma resenha crítica com tom ficcional, ou um ensaio revisionista, do que um conto propriamente dito. É aí que reside a qualidade literária desse crítico-autor; que é, igualmente, autor-crítico.

Mas não é esse o ponto da nova investigação de hoje. O *ponto* é que Borges, antes de começar suas aventuras ficcionais, inspirou-se num outro escritor para dar início à sua obra; e mais do que isso: roubando-lhe um conto, um dos que mais lhe concedeu notoriedade enquanto contista. Estamos falando, é claro, de *Pierre Menard, Autor do Quixote*.

Talvez uma das premissas utilizadas para justificar o brilhantismo de Jorge Luis Borges ao ter escrito *Pierre Menard* é a sua intrínseca condição de crítico literário, isto é, nada mais “literariamente crítico” ou “criticamente imaginativo” do que um

texto (ficcional?) de tom revisionista, histórico-literário. Mas, fica a pergunta: não seria ainda mais intrínseco, e não faria ainda mais sentido, se um conto com traços tão paródicos e satíricos fosse escrito por um autor narrativo costumeiramente tão paródico e satírico quanto?

Pois bem. O autor narrativo costumeiramente paródico e satírico trata-se de Victor de Paula (exímio emulador, porém menos conhecido e de menor prestígio), verdadeiro autor de *Pierre Menard, Autor do Quixote*, e não o pressuposto Borges.

O Instituto de Pesquisas Linguístico-Literárias Fabyolla Hertz (INPELIF), com a fundação de Hertz, publicou recentemente um artigo que traz à luz a condição autoral de *Pierre Menard*, negada ao verdadeiro autor. No texto, além de fotografias anexadas e manuscritos feitos a próprio punho, o Instituto apresenta cartas trocadas entre Victor e Fabyolla (amiga e confidente literária do autor) que apresentam Victor, ainda em 1937, já citando o processo de escrita do conto, chegando a transcrever enxertos inteiros à Fabyolla, para a avaliação da confidente:

Querida Faby,

Tenho pensado bastante sobre como começar o conto, já que ele se propõe a ser estático. Estou sendo claro? Quero dizer, o conto não tem sequência de acontecimentos, não é narrativo — é, antes, uma análise de obra, de forma a revelar a autoria fictícia de Quixote, por este protagonista chamado Pierre Menard. Porém não sei se o nome me agrada, talvez eu mude. Enfim, cheguei a pensar no seguinte primeiro parágrafo:

A obra visível que deixou este romancista é de fácil e breve enumeração. São, portanto, imperdoáveis as omissões e adições perpetradas por Madame Henri Bachelier (*quis dar um tom europeticizado à coisa, veja como fica...*) num catálogo falaz que certo jornal, cuja tendência protestante (*veja também se não fica de mau tom apontar dessa forma os protestantes, por favor*) não é segredo, teve a desconsideração de infligir a seus deploráveis leitores — embora estes sejam poucos e calvinistas, quando não maçons e circuncisos. Os amigos autênticos de Menard viram com alarme esse catálogo e ainda com certa tristeza. Dir-se-ia que ontem nos reunimos diante do mármore final e entre os ciprestes infaustos e já o Erro trata de empanar sua Memória... Decididamente, uma breve retificação é inevitável.

Aguardo seu retorno quanto à estética e retórica, e se este trecho lhe pareceu convidativo, tal como o que lhe enviei na carta anterior. Mande notícias.

Abraços cordiais do seu amigo

Victor de Paula

Na carta seguinte, de Paula comenta sobre criar uma lista bibliográfica do autor ficcional Pierre Menard (que se mantém na versão plagiada de Borges). Nota-se, portanto, que um autor da estirpe de Victor de Paula, que também assina textos proeminentes como *O casal da rua erven* e *Epicentro*, com tamanho apuro satírico, não está em menor grau, nem em menor capacidade, de produzir uma obra desta relevância. Mas então, como Borges teria furtado o autor?

Bem, o artigo publicado pelo INPELINF argumenta que, nessa época, Victor era um autor desconhecido — cenário que pretendemos alterar com este e com uma série de artigos. Há indícios de que Victor e Borges se conheceram num evento literário em que Borges havia sido convidado. É provável que tenham trocado meia dúzia de palavras antes de se reconhecerem autor e crítico literário, respectivamente. A partir daí, Victor teria lhe contado sobre um conto que estava escrevendo, com insinuações da autoridade do autor sobre o texto, sobre a própria autoria etc. Borges, então, teria se oferecido para “dar uma olhadinha” no material, e lhe dar os acabamentos necessários, se assim Victor quisesse, e até mesmo se dispôs a ajudá-lo a publicar o texto, pois a ideia lhe interessara bastante.

Todo esse relato é contado a nós por Fabyolla Hertz em sua autobiografia, cuja maior parte do tomo “Das amizades” destina-se a esclarecer “a enorme injustiça operada contra Victor — em vida e até em sua morte”. Fabyolla continua nos contando que, por estar muito animado com a ideia de uma terceira opinião profissional, Victor teria enviado um manuscrito naquela noite mesmo para a correspondência de Borges. Nessa época, os dois estavam em intercâmbio na Argentina para estudar teorias linguísticas, e a figura retraída de crítico o atraiu — “com sua feição de um personagem essencialmente literário”, também comenta Hertz em *Flor de maio*.

Dias depois, Victor recebe o manuscrito de volta, com ligeiras alterações indicadas (todas falsas, é claro, para fingir implicância com o mesmo texto que Borges publicaria na íntegra em *Ficções*, dois anos depois). Uma carta acompanhava o manuscrito corrigido, e dizia:

Prezado Victor,

Fiz algumas indicações no manuscrito que me enviou. Decerto, como disse naquele dia, a ideia me interessou bastante, mas creio que não está bem executada. Acredito que, para além de corrigir uma ou outra coisa a partir dos meus apontamentos, cabe reescrever todo o conto — mas não agora, pois, sinto dizer, imagino que uma ideia assim demande de mais referências teóricas e mais experiências literárias, que só o tempo pode conferir. Assim, também é de bom tom que revise a obra de Cervantes; far-lhe-á bem. E, só então, sugiro que retorne a Pierre Menard daqui a cinco, dez, quinze anos, e verá satisfeito que ele lhe esperará por todo esse tempo, e de bom grado. Mas, até lá, sugiro que lhe dê o devido descanso.

Cordialmente,

Borges

Victor, tendo em alta conta a opinião do crítico, desanimou-se e seguiu o conselho, mesmo após as insistências de Fabyolla em reunir o quanto antes *Pierre Menard* junto a outros textos seus, e publicá-los numa coletânea, pois, nesse tempo, uma agente literária (Triz Travassos) que conheceram em sua rotina por institutos e grupos de pesquisa universitários também reconheceu em Victor o brilhante autor que mesmo em sua juventude se mostrava. Mas as falas intrusivas de Borges, em muito levadas com respeito por Victor, já haviam cingido a vontade do verdadeiro autor de levar o texto adiante. É conhecido que Victor continuou escrevendo textos (e a esse período agradecemos pelo conto de fadas moderno *Homenzinhos*, bem como pelo fluxo de consciência chamado *O livro 23*, e ainda pela coletânea de poemas do autor que estão resgatados gradualmente pelo perfil @palavra.um, no Instagram), mas o próprio *Pierre Menard, Autor do Quixote* ficou, como sugeriu Borges, em descanso.

Contudo, a maior injustiça operada por Borges, além de retardar a publicação de um conto especialmente importante na conjuntura literária do autor, é a apropriação desse texto, isto é, o furto intelectual maquinado pela mágoa de um crítico literário que se depara com um objeto de estudo de tanto valor que gostaria, ele próprio, não só de tê-lo estudado, mas de tê-lo criado. Não contente com a possibilidade de ter sido o pesquisador que descobriu a inovação presente em *Pierre Menard*, e expô-la ao mundo, ambicionou prestígio maior: o da autoria.

Tanto o artigo do Instituto e quanto as recordações de Fabyolla Hertz comentam a tristeza que recaiu sobre Victor. Após tamanho golpe, como provar autoria de um texto já publicado, ainda mais se por um crítico literário renomado? As cartas trocadas com Hertz e com Borges — diriam os redatores — poderiam ter sido facilmente falsificadas. Fabyolla não lhe seria uma boa testemunha; antes, sendo sua amiga, seria considerada cúmplice de um golpe.

Com isso, Victor viveu com a angústia do furto autoral por muitos e muitos anos, até sua morte no anonimato. Sua pesquisa não foi mais a mesma — desiludiu-se quanto ao meio acadêmico e literário —, e sua produção prosaica e poética, embora não tenha perdido a qualidade e quantidade, não tinha incentivos internos de serem trazidas a público — o que só acontece postumamente, graças a Fabyolla Hertz, reunida toda a obra em *Veleidades do ser* (vol. I ao XIII).

Quanto ao restante de *Ficções*, inclusive, a pesquisa do INPELINF se mostra reticente; mas é imprescindível pensar que, sendo Borges o autor dos demais contos (mas será mesmo?), todos têm o “traço Victor de Paula”, mais notoriamente acentuado em *Menard*. Sendo assim, não é exagerado pensar que Borges se fez um Borges *à la Victor*, e que a obra deste último, além de indispensável enquanto produção criativa, é essencialmente inspiradora, *escrevível* (se quisermos recorrer ao conceito de Silviano Santiago).

Vemos, então, que há uma literatura borgiana e toda uma literatura latino-americana situadas entre a fase *pré-* e *pós-Victor de Paula*, porém são poucos os que estão aptos para esse debate — que ainda assim precisa ser repercutido. Tal como Haroldo de Campos fez justiça historiográfica quando escreveu *O Sequestro do Barroco: o caso Gregório de Matos*, também cabe a nós operar remissão a *Pierre Menard* e ao status de sua autoria.

De certo modo, quando citam...

DESEJA CONTINUAR LENDO?
ASSINE O NOSSO BLOG HOJE!
CLIQUE [AQUI](#) PARA SABER MAIS.
